





Tem requobros a hespanhola,  
A fracozinha é bregueira,  
A italiana é pachola,  
Tem talento a brasileira.  
A japonesa é facieira,  
Mas creiam quo na questão  
Da volupia, do paixão,  
De requobros, p'ra o meu peito,  
Tem a creoula mais goito,  
Trabalha com perfeição!

DIBENHO.

Além de ser mi mãeira,  
Além de ser muigenti,  
Tem a graça juvenil,  
Tem talento a brasileira.  
P'ro namoro ella é estradeira!  
No physico! Um paucado!  
Mas tem forte o coração,  
E a razão porque, as vozes,  
Embora com alguns revezos,  
Trabalha com perfeição.

A. A. NATICO.

Até mesmo em brincadeira  
Ella mostra seu valor,  
E p'ra os negocios de amor  
Tem talento a brasileiro;  
No chão ou n'uma cadeira,  
Faz taes trejeitos e peixão,  
E ao mesmo tempo, pois não!  
Faz camisas, camisetas,  
Faz saias e faz corolias,  
Trabalha com perfeição.

DA FADINHO.

Não digo ser a primeira  
Em sciencias naturaes,  
Mas, em outras cousas mais...  
Tem talento a brasileira.  
—Gostando da brincadeira...  
Brinca até cahir no chão,  
Ella nunca diz que não—,  
Mesmo já muito cansada,  
Mesmo da pé ou deitada  
Trabalha com perfeição.

SCALABITANO.

Para o proximo numero offe-  
recemos o seguinte motto:

*Depoente fui entrando  
Na panela da feição.*

As glosas devem vir em tiras,  
escriptas só de um lado.

Se recebemos até abbado  
as glosas deste motto. As  
que nos chegaram depois, não  
são inutilizadas.

MODINHAS BRASILEIRAS

MARTHA

(Musica de H. A. de Mesquita)

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Ai! ... Como eu sei toamar,

Te sei querer  
Ai! como é triste andar

A padecer,  
Longo dos meus, do lar,

E não te ver,  
Ao lado meu, feliz!

Ai! Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Não sinto o negro erime  
Da escravidão!  
Nem quanto *caubi* exprime  
Do maldição...  
Mas sinto a dor que opprime  
Meu coração.  
Ao me lembrar de ti!  
Ai Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Eu choro o meu destino,  
O fado meu,  
Vagando aqui sem tino,  
Porque morreu  
Aquello *man* divino,  
Que ao lado teu,  
Me fez da terra um céu!  
Ai! Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Eu sinto acerbo espinho  
Farei-me aqui...  
Longo da *oás* do niho,  
Em que nasci...  
Longo de teu carinho!  
Longo de ti,  
Longo da patria! O' dôr!  
Ai! Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Quando o luar prafesa  
A solidão,  
E o *banco* airoz golpeia  
Meu coração,  
Meu *requer* ancioa  
N'uma afflicção!  
Que só entende o mar!  
Ai! Martha! Ai! Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Minha *jeje* tão bella,  
D'alma scismar!...  
A minha dôr revela  
O meu pensar...  
Quando pensando nella  
Vens reolombar  
O meu primeiro amor...  
Ai! Martha! Ai! Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Ai! *cango* meu, fagueiro,  
Tempo feliz!  
Ai! meu amor primeiro  
Que bem to quiz!...  
Eu beijo prazenteiro,  
A cicatriz  
Desta saudade airoz!...  
Ai! Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

Astros do céu nublado  
Por que choras?  
Ai peito meu, cançado,  
Cala teus ais!

Meu coração maguado  
Não choras mais,  
Que ella é feliz... talvez!  
Ai Martha! Ai Martha! Amor!

Martha, meu amor,  
Ouve o teu cantor!

(Estrilho)

Acolhe, ó Patria amada,  
Os filhos teus!  
Adeus, Martha adorada,  
O' Martha, adeus!  
Na *canga* idolatrada,  
Nos cantos meus,  
Tu has de ser sempre lembrada!  
O' Martha, adeus!

(Collecção Geraldo Magalhães).

NOSSA ADIVINHA

ditany volt qui mal y pensa

CHARADAS NOVISSIMAS

I  
Segue, mas a nota que tops  
não será um cidadão! — 1—1—1.

A. A. NATICO.

II  
Todos temos, todos temos, to-  
dos temos! — 1—2.

LAME & SOCA.

III  
Esta mulher aquece o instrum-  
mento do Gompes repentinamente  
— 1—1—1.

E. RABIAN.

IV  
A mulher que gosta do Gre-  
gorio é material de construção  
no enfermo — 2—1—3.

FABROCHA.

V  
Do Jury e da rua só faço á  
noite! — 1—1—2.

FABROCHA.

VI  
Este homem faz nos animaos  
este homem! — 1—3.

FABROCHA.

VII

LOGOGRAFHO

(AO COLLEGA DE PA VENTO)

Como o trido marinhão — 15-13-8-5-2  
Desta em terra uma lembrança — 23-9-26-  
26-12-15-27-30

Levando n'alma a referença  
E a saudade que consume, 13-25-1-23  
Assim nas folhas do allium  
Eu deixo meu pobre nome. — 29-6-47-12-  
23-22-30

E se nas ontas da vida  
Minha barca fer leudada  
E meu corpo espedaçado, — 15-23-21-26-27-  
25-5

Ao ter o tanto sentido — 15-7-16-11-9  
Do pobre nome perdido — 11-25-6-12-3-1-  
10-21-21-11

Teus laços dardo — collado!

P. LADO & C.

VIII

ENYGMATA

(AO K. C. PORÉ)

A primeira co'a terceira  
E' uma are bem conhecida,  
Mas a segunda e com a quarta  
E' uma região, quem duvida?

O todo amio, já vistas,  
Com certeza que és feliz,  
E' turina no maximo  
Quando requetra os quadris.

ONCE.

IX

CHARADAS A VAPOR

Se tivesse baralhaça  
Que descanço p'ra meus pés 1  
Dentro d'ellas sempre andava  
A's direitas e aoavez.

E. RABIAN.

X

Que a louz possa dizer  
E tambem allucar  
Lede pois, como quizeses,  
Que a meina a covas has de achar

LAME & SOCA.

XI

O passaro que *pari* leas  
Gasta meqras pedas ter,  
A direita em as contras  
Luz sempre a meina que ser.

LAME & SOCA.

XII

CHARADA ANTIGA

(AO K. C. PORÉ)

Ouve bem, K. C. Poré,  
Contar vou no Rio Nô,  
A pretexto do charada, — 1  
Do Mangue, o caso, bem crô.

Es da forja do cadete! — 1  
P'ra lá foste com a Thereza  
E bem juntos, no canal,  
Deste curso á natureza...

Eu bom vi... mas a creoula — 2  
Era em fanças de amor,  
Muito mais forte que tu,  
Era mulher do furor...

P'PAROTE.

Se recebemos as decifrações  
deste numero até terça-feira,  
Serão inutilizadas as que nos  
chegarem depois.

As decifrações e a lista dos  
decifradores serão sempre publi-  
cadas em intervallo de um nu-  
mero, recebendo nós o resultado  
até o dia da publicação do nu-  
mero antecedente.

Ao primeiro decifrador dare-  
mos, como premio, um volume,  
a esculha, *Collecção moderna*,  
bibliotheca editada pelo livreiro  
Domingos de Magalhães.

Accoitemos collaboraçào, qui  
nos deve ser enviada em tiras,  
escriptas só de um lado.

Os pontos, n'esto tornolo, são  
contados, um, por questão deci-  
frada ou por trabalho publicado.  
Serem taes pontos para a dis-  
tribuição dos premios, quo fare-  
mos aos cincoenta primeiros col-  
laboradores e decifradores, no  
fim do anno corrente.

Decifrações e decifradores do  
n. 44.

Propuzemos 15 questões, cujas  
decifrações são as seguintes:

1. *Janhy*, 2. *orro-oro*, 3. *oco*,  
4. *Pepajoa*, 5. *Coga*, 6. *Pau-  
cadio*, 7. *Mina*, 8. *Evavia*,  
9. *Paulino*, 10. *Desiderio*, 11. *O  
Rio Nô tem bastante reze*,  
12. *carriana*, 13. *Alho*, 14. *Queen  
aos 20 não boia*, 15. *30. não  
casa e aos 40 não tem; não bar-  
ba, não enca e não tem.*

Decifram: K. To Rita 14,  
Didinho 13, K. Nito 14, Frei La-  
riva 13, Talves 13, K. C. Poré  
12, Crípido 11, Lumbó & Socca  
13, Piparote 14, Levianus 12,  
Tapa tudo & C. 13, Dr. Matravi-  
lha 13, Parasita 13, E. Rabian  
9, A. A. Nativo 12, P. Lado  
& C. 11, Cambrone 3, E. E. K.  
& C. 11, Guman 13, Atarab  
Melado 13, Guman 13, Atarab  
11, Ariviejo 9, Rodarvas 11, Q.  
1. 12, Bumba 12, EE. Pa Vento  
10.

Um estudante fôra passar,  
depois do acto, ascurias em casa  
de seu tio.

Lá por uma pequena cousa, este  
chegara-lhe a corda, e nesse in-  
terim appareo um individuo e  
pergunta ao tio — E' son filho?

— Não, é meu sobrinho, que  
voio passar as ferias e divertir-  
se connigo...

Bom divertimento...

QUEBRA CABEÇAS



FOLHETIM

TRICK

o ESPERTALHÃO

Paulo de Kook

(Continuação)

— Dou-lhe os parabens por  
essa habilidade. Mas, ou todo o  
caso, já que lho disse o que vinha  
a ser o ladrão dos bons dox,  
quero agora que fique conhe-  
cendo o ladrão d'america, que  
está muito em moda em Paris,  
onde até admira que ainda en-  
contre tolos.  
— Oh! não vale a pena!  
— Sabe então o que é?  
— Não, senhor.  
— Então deixe-me dizer-lho:  
O ladrão passava tranquillamente  
em Paris como um simples pro-  
prietario. Espreita, por exem-  
plo, um homem que leva um

sacaco de dinheiro e, para isso,  
colloca-se nas proximidades do  
theouro ou do banco; nestes  
pontos as pessoas carregadas do  
dinheiro são tão frequentes como  
os omibus. O ladrão avista um  
approxima-se, toma uma appa-  
rencia e um tom estrangeiro e  
pede-lhe para trocar ouro por  
prata.  
« Um outro ladrão combinado,  
passa e finge querer aproveitar  
esta occasião de fazer um bom  
negocio; pelo seu lado, o homem  
que leva o sacaco não quer tam-  
bem deixar de trocar o dinheiro.  
Entram em um botequim.  
« O falso estrangeiro, fallando  
mal todas as linguas, conta o  
seu ouro para dar pola prata, o  
outro larapio diz que vai á casa  
buscar dinheiro em prata, sae e  
não apparece mais. O estran-  
geiro diz que elle lho roubou uma  
moeda de ouro e corre em sua  
perseguição. Os dois melancos  
não voltam. O homem do sacaco  
paga a despoza e entra em uma  
casa do cambio para ali trocar  
o seu ouro. Chagado ali, vê que  
lho roubaram os rolos do dinheiro  
bom e lhe deixaram outros, cheios  
de cobre ou chumbo! »

— Mas toda essa gente só deixa  
enganar tão facilmente! Serão  
todos simplórios!  
— Quer que lhe falo de outros  
ladrões, que estão em moda em  
Paris?  
— E' inutil, meu caro, já basta.  
Além disso, estou convencido de  
que os ladrões hão de ter muito  
pouca vontade de se metter com-  
migo.  
— Como o amigo quizer...  
O ladrão que sequestrou sujeito nada  
mais diz, volta-se e, durante o  
resto da viagem, dorme ou finge  
dormir. Trick fecha tambem os  
olhos e adormece.  
Chegam a Paris.  
O companheiro da almofada  
havia descido antes do chegra-  
rem á capital, depois de ter dito  
a Trick que se recordasse sem-  
pre dos seus conselhos.  
« Joven brelto, apenas se viu  
na grande cidade, leu o indre-  
to de dono do bazar.

FLIPARD, REA DOS URSOS

Trick perguntou onde era a  
rua dos Ursos; depois, com a  
malta ás costas, correu á casa de  
Flipard. O dono do bazar é um  
velhinho pallido, alquebrado, que

ha dezesses annos usa a mesma  
sobrecasaca, o que deve dar uma  
alta idea da sua economia. Re-  
coba o brelto muito severamente  
o diz-lhe:  
— Tu vaes ser meu caixairo,  
mas loma sentido: se perders  
alguma cousa ou se te deixares  
enganar, descontar-lo no orde-  
nado.  
— Já se vê, respondo Trick, e  
isso não me ha de impedir de  
ajuntar dinheiro.  
— Vaes immediatamente co-  
meçar a trabalhar. Tomarás con-  
ta dos livros. Dizem-me que  
escreves bom?  
— Sim, senhor.  
— Has de escrever muito apor-  
tado, para gastar menos papel.  
Usas de panhas do aço?  
— Sim, senhor.  
— Muito bem, has de com-  
pral-as á tua custa. Vaes traba-  
lhar com esse fato?  
— Não, senhor, tenho na mi-  
nha mala um sacaco e umas cal-  
ças... Tenho tudo o que me é  
preciso, estou muito bem forne-  
cido.  
— Então muda já de fato. Não  
tomarás a mexer nesse souro aos  
domingos, o mesmo nesses dias,

so quizeres seguir os meus con-  
selhos, só o porás ao ar.  
Trick, pensando que o seu pa-  
trão levava um pouco longe o  
systema economico, começou a  
abrir a mala que, ao entrar havia  
collocado a um canto da loja.  
Repentinamente um grito de  
surpresa sahiu espontaneo ao  
joven brelto; o velho assistou-  
se, e, voltando-se, disse:  
— Quebraste alguma cousa?  
— Não, senhor, não é isso...  
mas olho... veja... a minha pa-  
bre mala, onde tinha otto cam-  
isas, doze lençoes, tres colletes,  
dous pares de calças, dous casa-  
cos e uma blusa...  
O velho negociante approxima-  
so o olho a mala, que está com-  
pletamente vazia.  
— E' talvez uma Hijo de  
economia que teu tio te quiz dar,  
diz Flipard. Provavelmente pen-  
sou que te bastava o que trazias  
no corpo.  
— Nada, não, senhor; ou mes-  
mo arranjei a mala a tobo a  
certeza de que mettí tudo o que  
lha disse... E nada vejo... Está  
aqui um papel... e tem alguma  
cousa escripta.

(Continúa)

